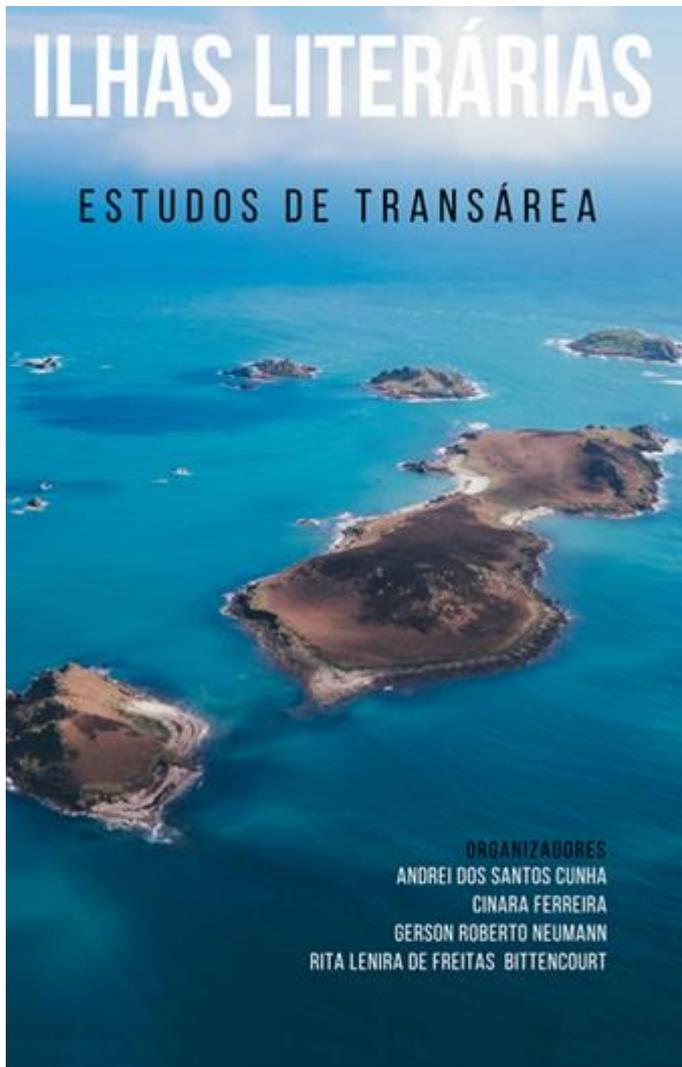


# ILHAS LITERÁRIAS

ESTUDOS DE TRANSÁREA



ORGANIZADORES  
ANDREI DOS SANTOS CUNHA  
CINARA FERREIRA  
GERSON ROBERTO NEUMANN  
RITA LENIRA DE FREITAS BITTENCOURT



## FICHA TÉCNICA

### **Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Letras**

Sérgio de Moura Menuzzi  
*Diretor*

Beatriz Cerisara Gil  
*Vice-diretora*

### **Conselho da Editora do Instituto de Letras**

Lucia Rebello | Antonio Marcos Sanseverino | Regina Zilberman  
Rita Terezinha Schmidt | Ana Zandwais | Pedro de Moraes Garcez  
Sérgio de Moura Menuzzi | Rosalia Angelita Neumann Garcia  
José Carlos Baracat Júnior | Luiz Carlos da Silva Schwindt | Félix Bugueño Miranda

### **ILHAS LITERÁRIAS: ESTUDOS DE TRANSÁREA**

#### **ISBN**

#### **Organizadores**

Andrei dos Santos Cunha  
Cinara Ferreira  
Gerson Roberto Neumann  
Rita Lenira de Freitas Bittencourt

#### **Revisão**

Cláudia Fernanda Pavan  
Gabriel Felipe Pautz Munsberg

#### **Diagramação e editoração eletrônica**

Fernanda Bernardes

#### **Comissão Editorial**

Luciana Wrege Rassler | Filipe Róger Vuaden | Ian Alexander | Monica Stefani | Luciane da Silva Alves | Carla  
Luciane Klôs Schöninger | Monique Cunha de Araújo | Fidelainy Sousa Silva | Cinara Ferreira | Gerson  
Roberto Neumann | Antônio Barros de Brito Jr. | Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch |  
Rita Lenira de Freitas Bittencourt | Lucia Sá Rebello | Douglas Rosa da Silva | Fernanda Bernardes | Elizamari  
Rodrigues Becker | André Winter Noble | Melissa Rubio dos Santos | Ana Luiza Nunes Almeida |  
Rafael Eisinger Guimarães | Elaine Indrusiak

Instituto de Letras - UFRGS  
Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43221  
Porto Alegre, RS - 91540-000  
Fone (51) 3308-6711, Fax (51) 3308-7303  
iletras@ufrgs.br - www.ufrgs.br/iletras

## A linguagem do amor: considerações políticas sobre *El infarto del alma*

### *The language of love: a political account on El infarto del alma*

Claudia Luiza Caimi<sup>1</sup>

**Abstract:** *This paper aims to highlight the aesthetic and political content of the work El infarto del Alma, published by the Chilean writer Diamela Eltit, together with the photographer Paz Errazuriz, in 1999. The book unfolds the illness of the interdicted ones in a cross between the image and the word, between what was lived and the real, between the read and the written. Everything begins with a trip that the writer does, accompanying the photographer, to the Psychiatric Hospital of the Town of Putando, in the outskirts of Santiago, Chile. Paz Errazuriz will take pictures of the couples, locked in the psychiatric hospital as chronic, indigent and mutilated patients. Forgotten patients, left to the charity of the state. From these photos and the experience of this visit a photo-and-spelling emerges which addresses the condition of man, from the loving man. The narrative body engendered in the fabric of memory and its photographic framing it also challenges literary writing and the curtailing of "crazy love" in a narration procedure in which issues of ethical and political nature are unfold. Despite the misery, the anonymity, the loneliness, the state of deformity and loss that surround the alienated, they love. They are subjects animated by lack, by the absence that presents itself as a fatality and by the protagonism of desire, which produces a narrative, history. The language of love, whose writing emerges from a displaced space from the common axis of production of and worldly images, a space of seclusion and exclusion, is then explicated in the terms of a political critique, in which the aesthetic promotes the destabilization of homogeneous visions of the world and of literature itself, enabling attention to the spaces and conditions in which texts create deviations and empty spaces, linking to ways of life and the construction of new subjectivities, visibilities and intelligibilities of the world.*

**Keywords:** *politics, love, madness, photography, literature.*

**Resumo:** Este artigo pretende evidenciar o teor estético e político da obra *El infarto del Alma*, que a escritora chilena Diamela Eltit publicou, conjuntamente com a fotógrafa Paz Errazuriz, em 1999. O livro desdobra a enfermidade dos interditados num cruzamento entre a imagem e a palavra, entre o vivido e o real, entre o lido e o escrito. Tudo inicia com uma viagem que a escritora faz, acompanhando a fotógrafa, ao Hospital Siquiátrico del Pueblo de Putando, nos arredores de Santiago, no Chile. Paz Errazuriz vai tirar fotos dos casais de namorados, encerrados no hospital psiquiátrico como pacientes crônicos, indigentes e mutilados. Pacientes esquecidos, entregues a caridade do estado. Dessas fotos e da experiência dessa visita emerge uma foto-e-grafia que interpela a condição do homem, a partir do homem amoroso. O corpo narrativo engendrado na tessitura da memória e seu enquadramento fotográfico, desafia a escrita literária e o cerceamento do "amor louco", num procedimento de narração em que desdobram-se questões de cunho ético e político. Apesar da miséria, do anonimato, da solidão, do estado de deformidade e extravio que cercam os alienados, eles amam. São eles sujeitos animados pela falta, pela ausência que se apresenta como uma fatalidade e pelo protagonismo do desejo, que produz uma narrativa, a história. A linguagem do amor, cuja escrita emerge de um espaço deslocado do eixo comum de produção das imagens amorosas e mundanas, espaço de reclusão e exclusão, explicita-se, então, nos termos de uma crítica política, em que o estético promove a desestabilização das visões homogêneas do mundo e da própria literatura, possibilitando a atenção aos espaços e condições em que os textos criam desvios e vazios, vinculando-se a modos de vida e à construção de novas subjetividades, visibilidades e inteligibilidades do mundo.

**Palavras-chave:** política, amor, loucura, fotografia, literatura.

---

<sup>1</sup> Professor adjunta do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária da UFRGS. E-mail: <claudialuizacaimi@yahoo.com.br>.

Pode-se falar de política, falando de amor?

A política é um conceito desgastado nos nossos dias, tendo em vista a sua redução ao âmbito dos sistemas de governo. O sentido da política, porém, não se restringe ao âmbito da administração e da organização do estado, mas diz respeito à atividade humana e às interações sociais. Nos termos de Aristóteles (1974), a política é o que estabelece a vida em comum, a igualdade entre os membros da comunidade, na qual os cidadãos exercem sua capacidade de ação.

Esse parece ser o ponto de partida da filosofia política de Jacques Rancière (2009), formulada nos termos do conceito de “partilha do sensível”, que faz notar justamente as condições desiguais que impedem ou limitam a realização dos seres humanos como igualmente capazes de agir, pensar, falar e expressar a sua subjetividade. Como as sociedades capitalistas modernas são muito desiguais, por força da dominação do capital, a política, mais do que nunca, é necessária para garantir o equilíbrio na distribuição dos bens e benefícios: “Há política quando existe uma parcela dos sem-parcela”, a política existe para interromper “os simples efeitos da dominação dos ricos – que faz os pobres existirem enquanto entidade” (RANCIÈRE, 1996, p. 26). A política “define o comum da comunidade como comunidade política, quer dizer, dividida, baseada num dano que escapa à aritmética das trocas e das reparações” (*idem*, p. 27).

Para Rancière, a política é da ordem do dissenso, da evidência dos desequilíbrios da ordem social, na tentativa de controlar os danos e a dominação de uns sobre outros no seio da comunidade dividida. Nesse contexto, uma abordagem política da literatura não se reduz, conforme aponta o autor, à denúncia das injustiças e desigualdades sociais, pois a arte não é política antes de tudo pelas mensagens que ela transmite nem pela maneira como representa as estruturas sociais, os conflitos políticos ou as identidades sociais, étnicas ou sexuais. Ela é política antes de tudo pela maneira como configura um *sensorium* espaço-temporal que determina maneiras do estar junto ou separado, fora ou dentro, face a ou no meio de... Ela é política enquanto recorta um determinado espaço ou um determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou o ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão. Porque a política, bem antes de ser o exercício de um poder ou uma luta pelo poder, é o recorte de um espaço específico de “ocupações comuns”; é o conflito para determinar os objetos que fazem ou não parte dessas ocupações, os sujeitos que participam ou não delas, etc. Se a arte é política, ela o é enquanto os espaços e os tempos que ela recorta e as formas de ocupação desses tempos e espaços que ela determina interferem com o recorte dos espaços e dos tempos, dos sujeitos e dos objetos, do privado e do público, das competências e das incompetências, que define uma comunidade política (RANCIÈRE, 2017).

Em Rancière, a literatura é política porque sua presença é uma interpelação ao mundo, porque constitui um gesto que interfere na ordem das coisas, porque sua existência é pública e seu significado diz respeito a todos, e ainda porque configura uma forma de dar a ver, entender e agir no mundo. Ou seja, a literatura não tem uma existência isolada, seu significado não se reduz a uma relação privada do leitor com o texto. Na sua dimensão política, a literatura é o que olha para fora, além de si, fazendo perceber as divisões nas formas de ocupação do espaço social, onde ela própria se estabelece, mobilizando forças de dominação ou de emancipação.

É neste sentido do político que a obra *El infarto del Alma*, que a escritora chilena Diamela Eltit publicou, conjuntamente com a fotógrafa Paz Errazuriz, em 1999, aborda o amor. O livro é um dizer, uma fala, uma música, um jogo entre idiomas e caligrafias, um

agenciamento em que se cruzam recursos polinizados pela imagem e pela palavra, entre o vivido/real e o refletido/imaginado. Tudo inicia com uma viagem que a escritora faz, acompanhando a fotógrafa, ao Hospital Siquiátrico del Pueblo de Putando, nos arredores de Santiago, no Chile. Paz Errazuriz vai tirar fotos dos casais de namorados, encerrados no hospital psiquiátrico estatal como pacientes crônicos, indigentes e mutilados. Pacientes esquecidos, entregues “*a la caridade rígida del Estado*” (ELTIT; ERRAZURIZ, 1999, p. 15). Dessas fotos e da experiência dessa visita emerge uma foto-e-grafia que interpela a condição do homem, a partir do homem amoroso.



Essas imagens produzidas dentro do hospital psiquiátrico não coincidem imediatamente com sua dimensão social, são fotos individuais, de casais enamorados. Elas vão encontrar sua dimensão política ao serem articuladas segundo novos procedimentos na escrita de Eltit. A montagem das imagens em conjunção com os textos constrói novos sentidos, modificando consideravelmente a relação entre as partes e o todo. No âmbito estético, estas articulações ficam em aberto, sendo a ocasião para tomadas de posição e recomposição das forças que reexpõem a história à luz de sua memória mais recalcada. Neste sentido, na obra de Eltit e Errazuriz a função política da montagem do livro é recompor o domínio da imagem diante do domínio do texto, a fim de juntar a parte do documento à função épica/lírica, ou, a partir da fecundidade do documento, instruir o processo da história.

Eltit escreve a partir de uma nova estrutura na qual o descentramento, que se origina na fragmentação, inclui desterritorializações e redesenhos rizomáticos. Seu texto emerge das imagens fotográficas e das imagens da memória da experiência vivida, conversando com diversos gêneros: diário, carta, ensaio, fragmento autobiográfico, transcrição de sonhos. A escrita oferece uma multiplicação discursiva em rede, não há hegemonia de gênero discursivo ou imagético. Também não há linhas divisórias claras que prolongam a distinção entre ficção e realidade. Entre história e vida privada. O que há são mesclas divisórias, cumplicidades, referências mútuas que são lidas nas partes visuais e escritas da obra que apresenta textualmente sete partes escritas (*El infarto del alma* (5), *Diario de viaje*, *La falta* (3) *El*

*outro, mi outro, O sono impossível; Juana la loca, El amor e la enfermedad*) e 39 fotografias. Neste sentido, a forma da evidência histórica encontra-se nas foto-e-grafias que condensam elementos díspares, inconciliáveis, que remetem à dimensão mais individual da experiência amorosa. Ao retirar o amor de seu contexto “normal”, as autoras subtraem seu valor, liberando-o da lógica funcional que o mesmo tem na sociedade burguesa, para tecer, a seu modo, afinidades outras, singulares retratos de um mundo de ausências.

O corpo narrativo engendrado na tessitura da memória e seu enquadramento fotográfico desafiam a escrita literária e o cerceamento do “amor louco”, num procedimento de narração em que desdobram-se questões de cunho ético e político. Os loucos enamorados do hospital psiquiátrico introduzem, ao mesmo tempo, a fratura, a falta, o solo ruinoso e marginal que carrega consigo todo ser humano, e, ao mesmo tempo, uma luminosa indicação do destino humano. Apesar da miséria, do anonimato, da solidão, do estado de deformidade e extravio que cercam os alienados, eles amam. Ocorre o amor neste espaço de todo esquivo para os sentimentos. São eles sujeitos animados pela falta, pela ausência que se apresenta como uma fatalidade e pelo protagonismo do desejo, que produz uma narrativa, a história. Para as autoras, o louco, mesmo tendendo a fundir-se, a confundir-se, com o Outro, já que ausência de limites é a grande falta que marca o desaparecimento de fronteiras, é o corpo no qual a potência amorosa apresenta sua plenitude e tática, pois nela os signos amorosos abrem mão para um universo próprio, em que a realidade está ausente e presente ao mesmo tempo.

A poética/história do resíduo se manifesta no reviver da figura amorosa alienada, que dispara um dispositivo com o qual as autoras interpelam a experiência histórica do confinamento dos loucos no Chile e nossos signos amorosos ocidentais. O Hospital psiquiátrico del Pueblo de Putando, como nos dizem as autoras, é o resultado do triunfo da razão, da economia racional cujo empenho maior é elucidar os limites e, especialmente, os limites da propriedade. Situado na borda da Cordilheira, onde o limite geográfico se torna decisivo, o estado chileno erige esse tributo à enfermidade. Foi construído para abrigar doentes tuberculosos, e funcionou como sanatório até a primeira metade do século XX, quando assume a condição de hospital psiquiátrico, recolhendo não só doentes mentais, mas também corpos indigentes e com deformidades físicas.

*De sanatoria cambió de signo con la violencia de cualquier guerra territorial. De sanatoria en manicomio. La indigencia pulmonar fue sustituida por la inopia mental, la alimentación especial por la especialización de los fármacos, el libertario romantico ensueño amoroso por la camisa de fuerza ante este prohibido, ininteligible delirio. (ELTIT; ERRAZURIZ, 1999, p. 65)*

Eltit recorre à história do hospital (que no dia de sua visita estava completando aniversário e a festa nos é apresentada pela autora como um mal estar), apresentando-o como o espaço de encontro de formas sociais em que se estabelece o naufrágio do sujeito: tanto físico, como mental. Espaço de confrontação das abordagens coletivas divergentes, o hospital psiquiátrico fala de uma comunidade e organiza uma memória entre os antigos tuberculosos e os corpos presentes dos loucos. Na “parte” intitulada “*El amor e la enfermedad*”, Eltit resgata o “corpo romântico” do século XIX, que toma a tuberculose como um simbologia amorosa, ao mesmo tempo em que encena um sujeito enamorado tuberculoso, evidenciando a ligação harmoniosa do movimento romântico com o corpo enfermo (languido, pálido, ofegante...) que liga amor e morte, corpo e destruição, fundindo o corpo ocioso do enfermo aos letais sentimentos amorosos. Apresenta o corpo romântico como contrapartida pujante do corpo assalariado, cuja melhor garantia são os pulmões vigorosos, o vigor de seu fazer e todo o esquecimento da erotização que não seja a do seu trabalho: “*El cuerpo romantico es pues el sueno de amor imposible de los cuerpos de las classes trabajadoras, su excedente inorganico, su lujo máspreciado*” (ELTIT; ERRAZURIZ, 1999, p. 59).

O fim da tuberculose como mal coletivo marca o fim de um estilo/discurso amoroso. A morte voltará a recuperar seu corretivo perverso e o amor passa a ser contraditório à enfermidade. O hospital, a partir dos anos 1960, se converte em hospital psiquiátrico e em um signo de patologia social, recebe os mais variados casos clínicos, uma série de desertores sociais que manifestam uma desconformidade com o relógio da indústria e/ou uma desordem simbólica que a ciência médica ainda não decifra, são indigentes, mutilados, coxos, dementes crônicos. Todos homens que habitam o imenso território mental e físico marcado por privações e misérias. “*Desertores, prófugos de las leyes de la razón, enfermos irreversibles ante las órdenes que les imponía su pobreza*” (*idem*, p. 67). No entanto, a memória comum entre os doentes tuberculosos que habitaram o hospital e os corpos presentes dos alienados não se estabelece no livro das autoras pelo mero viés representativo evidente da geologia do espaço (hospital) e da condição de enfermos que os une. O lugar comum em que a memória (história) reaparece no *Hospital psiquiátrico del Pueblo de Putaendo* é o AMOR.

O amor reaparece nos corpos menos esperados, menos refinados, pelo atual desejo da nossa cultura. O amor abre um espaço através da passividade dos remédios, da nebulosa descompaginada das mentes dos pacientes do hospital que realizam o rito amoroso, amando-se com a mesma intensidade e gravidade da sua enfermidade. O amor entre os loucos internos do hospital psiquiátrico continua, secretamente, diz Eltit, o legado dos corpos tuberculosos, amam com a desrazão provocada pela perda das garantias civis, arruinando o chamado familiar da prorrogação da espécie – os loucos são esterilizados. “*Un amor que es unicamente gasto y desgaste afectivo y por ello el despilfarro puro. Ellos aman sólo por la necesidad atávica de amar*” (*idem*, p. 69).

Os alienados convertem os signos do amor em aderência física. A metáfora amorosa romântica do estado alucinado (“Enlouqueci por ti”, “se me deixas, ficarei louca”, “me perdi de amor”) se reitera entre os asilados cuja única utilidade é contradizer seu diagnóstico de enfermidade. O signo amoroso, que Eltit percorre no capítulo “*El outro, mi outro*”, se configura no trânsito com o outro. O Outro, no discurso amoroso, é contingente da múltipla e paradoxal sentimentalidade do sujeito e possibilidade de sua sobrevivência, e normalmente se expõe por distintas expressões que transitam entre o conforto e a ameaça. O Outro, na maioria das vezes, se apresenta como a fantasia de um desejo siamês em que o idêntico se completa como requisito para derrubar a certeza inevitável da morte. O sujeito encravado de sua unidade se debate ante as escolhas que esse outro representa, e enfrenta a terrível diferença que elimina o ilusionismo simbólico do corpo siamês. Corpo deformado, corpo maternal, corpo divino, é no desejo siamês que o sujeito invoca um tempo sem memória, com a razão ausente do vínculo que homologa o inseparável.

No entanto, o sujeito só surge com a ruptura, com a separação de seu corpo primogênito. É a força do outro, a nítida saída de seus limites interiores e exteriores, que confirma e possibilita o processo social do homem, para assim romper a confusão dos corpos, marcando os contornos do que é um sujeito. O amor se apresenta, então, como um complexo processo de inversão e decepção. Ao mesmo tempo é um processo que se origina na separação, nas hierarquias da razão, na busca da ruptura e do conjunto de leis que reprimem e negam a modalidade siamesa (seu resultado é sempre monstruoso e intolerável para a razão social), o que possibilita a estrutura do EU e é também a ameaça da força da paixão, capaz de levar o sujeito, no momento do amor, a atuar na simbologia de um só corpo, de uma só mente, ficando aberto à circulação e ao intercâmbio de sua primitiva energia. O trabalho amoroso é manter a sobrevivência do desejo de amor diante da diferença.

Mas qual é o Outro em um hospital psiquiátrico? O alienado converte os signos para formar um mundo próprio, em que a realidade está ausente e presente em uma só vez. A forma da loucura é sua tendência a fundir-se, a confundir-se com o outro, a ausência de limites. É a falta que marca o contorno da enfermidade. Como então os alienados do *Hospital*

*psiquiátrico del Pueblo Putaendo* escolhem o outro, se pergunta Eltit? Como põem em movimento o amor, neste complexo existir? Eltit evidencia que no estado de interdição em que se encontram, os alienados arrastam o drama irreversível de haver confrontado suas mentes contra um labirinto simbólico frente ao qual debilitaram suas defesas. No embate primeiro e imaginário com o outro, arrastam a memória estigmatizada de um siamês partido pelos contornos irregulares do espelho, evidenciando a demanda de uma necessidade impossível.

É no corpo insano que Eltit encontra a plenitude e a potência da tática amorosa. Diz ela,

*el hospital del Pueblo de Putaendo se levanta como el muro de contención de una fatalidad, para retener los impulsos de aquellos que se abrieron enteramente a un universo ininteligible, pues están enredados en un deseo del otro a la manera de una planta maligna, cuyo fin es el estrangulamiento. Los exilados son materialmente un otro, abiertos a camuflarse (a refugiarse) al interior de cualquier cuerpo, a adentrarse en cualquier mente, a habitar en el otro a cualquier costo. (ELTIT; ERRAZURIZ, 1999, p. 41)*



O manicômio, diz Eltit em sua foto-e-grafia, acolhe os afetos de uma renúncia, amam o amor através do delírio do outro e cultivam o ritual da morte em uma ascensão lírica. Cultivam seu lirismo para manter a última ausência, a mais alta renúncia que é o se perder deles mesmos. Para a autora, é porque eles não são, que afrontam a penalidade da reclusão que rodeia seus corpos; por essa falta de ser, afrontam a ausência de seus nomes como responsabilidade civil; por sua adição ao outro, afrontam a privação de ascender a um mundo no qual se devem acatar as leis, afrontam por sua ira súbita, a camisa de força. Pela ansiedade (do outro), afrontam a administração perpétua dos remédios. Nessa condição, são corpos políticos.

*Encerrados para siempre en el manicômio del Pueblo putaendo, los alienados del lugar retorman el punto de partida del hospital y levantan un escenario desviadamente romantico en que jamás ocurrirá una carta de amor, en el no quedará un relato que atestigüe su dramatismo, en donde jamás la fama amorosa los volverá leyenda dentro del imaginários social. Pero, a pesar del terrible anonimato que los cerca, ocurre ampliamente el amor en esse espacio estatal del todo esquivo para los sentimientos. [...] El amor reaparece en el hospital... apenas*

*como una cita tercermundista de un modelo ya cesado (sec. XIX). Resurge entre los cuerpos que transportan las más ásperas huellas carnales de su desamparo social. Revoltosos, ágrafos, confinados, los pacientes del hospital psiquiátrico atrapan e birlan el mito depositado en el lugar, para poner en movimiento la poderosa máquina amorosa, con la certeza de apelar a un modelo ya irreconciliable porque está anclado únicamente en la imposibilidad, un modelo que está aferrado a las ruinas de una arquitectura dada de baja por el consenso que produce el amplio acuerdo de todos los diversos tiempos. Pero obstinadamente reaparece. (ELTIT; ERRAZURIZ, 1999, p. 69)*

A linguagem do amor, cuja foto-e-grafia emerge de um espaço deslocado do eixo comum de produção das imagens amorosas e mundanas, espaço de reclusão e exclusão, explicita-se, então, nos termos de uma crítica política, em que o estético promove a desestabilização das visões homogêneas do mundo e da própria literatura, possibilitando a atenção aos espaços e condições em que os textos criam desvios e vazios, vinculando-se a modos de vida e à construção de novas subjetividades, visibilidades e inteligibilidades do mundo. Os procedimentos intrínsecos de criação desdobram-se em questões de cunho cultural e político, pois resultam em ruínas de uma totalidade não existente. O amor dos loucos permite as autoras indagar a política, a crítica, a poesia, devolvendo o dissenso, promovendo a ruptura das paisagens homogêneas, de concordância geral e assujeitamentos.



#### **Referências:**

ARISTÓTELES. *La política*. Madrid: Espasa-calpe, 1974.

ELTIT, Diamela; ERRAZURIZ, Paz. *El infarto del alma*. Santiago: Francisco Zegers editor, 1999.

MORALES, Leonitas. *Género y Hegemonía en el infarto del alma*. *Cyber Humanitatis*, Santiago, n. 31, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: filosofia e política*. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. *Políticas da escrita*. São Paulo: Editora 34, 2017.